

AU COEUR DES VILLES

ANDRÉ, Jean-Louis. Paris: Éditions Odile Jacob, 1994, (186 páginas).

*Maria Encarnação Beltrão Spósito**

O processo de periferização e fragmentação das cidades reforça a importância da reflexão em torno das transformações pelas quais os centros das cidades vêm passando. O texto em análise foi produzido a partir de um painel das experiências vividas por cidades francesas, no que se refere às tentativas de recuperação dos papéis dos centros urbanos.

Dois aspectos qualificam esse texto para aqueles que trabalham com a pesquisa urbana e, mais especificamente, com as dinâmicas de reestruturação urbana, reconstrução e redefinição da centralidade no interior da cidade. Primeiramente, ressaltamos que a reflexão apresentada resulta da experiência do autor em percorrer a maior parte das grandes cidades francesas e de realizar um trabalho jornalístico de ouvir prefeitos, arquitetos, planejadores sobre as imagens dessas cidades no futuro, cotejando-as com as realidades vividas, a partir de seu esforço de se “deixar levar pelo espírito dos lugares” (p.12). O segundo aspecto a ser destacado é o fato de que a descrição dessas experiências ganha substância, à medida que o autor coloca-se indagações mais amplas, que expressam uma iniciativa de refletir sobre a essência da realidade urbana no mundo contemporâneo.

A proposta de viver essa experiência decorreu da constatação de que o processo de expansão territorial das cidades,

* Professora do Departamento de Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente. Pós-doutorado junto ao. CRIA (Centre de Recherches sur l'Industrie et l'Aménagement), da Université de Paris I - Sorbonne. Autora do livro *Capitalismo e Urbanização* (Editora Contexto). Endereço para Correspondência: Departamento de Geografia. FCT/UNESP/Presidente Prudente. Rua Roberto Simonsen, 305. Caixa Postal:957. Presidente Prudente (SP), CEP. 19060-900. Tel. (55) (018) 221-5388. Fax. (018) 223-2227. E Mail: ueppr@eu.ansp.br

impulsionado pela emergência dos grandes conjuntos habitacionais na periferia das aglomerações urbanas trouxe o esvaziamento dos centros urbanos, decorrência direta desse processo de extensão do tecido urbano, através do qual se delibera uma dinâmica de desconstrução da representação de centralidade única no interior da cidade.

A realização da experiência foi balizada pelo que o autor chamou de uma urgência, um desafio e um imperativo, que se pautam pela proposta de que “os habitantes de uma mesma cidade possam não somente coabitá-la e nela se encontrar, mas sobretudo se reconhecer em um espaço partilhado” (p.10). Ele definiu como uma urgência, a necessidade de recomposição do tecido urbano na perspectiva de constituição de uma centralidade que integre a periferia. Colocou como um desafio, evitar que se acentuem diferenças no interior da cidade, em função da desconstituição do centro como ponto de equilíbrio entre os extremos da sociedade. E considerou como um imperativo, reencontrar aquilo que pode ser entendido como a personalidade de cada cidade na perspectiva de distingui-las entre si.

O texto vem organizado em três partes, nas quais, sucessivamente, é questionado se os centros ainda estão no centro, é abordada a potencialidade dos centros se constituírem como espaços onde a cidade se concentra e são levantados elementos e dinâmicas que interessam ao processo de reconstrução dos centros urbanos.

À procura de uma nova escala para o centro, a partir do interesse de construção de um diálogo entre o centro e a periferia, o autor chama a atenção da importância de se encontrar espaços possíveis para a extensão do centro, necessária em função da própria extensão do tecido urbano. A valorização dos espaços públicos e dos símbolos da memória urbana, a reabilitação de imóveis, e a recriação das formas de acessibilidade ao centro, podem permitir seu adensamento e a busca de uma maior homogeneização interna de sua estruturação.

Por outro lado, essa extensão e adensamento do centro deve permitir que a centralidade se generalize no interior da cidade, de forma a, também, oferecer à periferia espaços de encontro e pontos de referência, o que exige o repensar de toda a aglomeração urbana, na perspectiva de se evitar que a centralidade seja negada, a partir da simples justaposição de setores urbanos com baixo nível de

integração, mas que seja multiplicada considerando-se a constituição de uma cidade-rede e a necessidade de uma articulação do conjunto da cidade.

Considerando-se esses pressupostos, a cidade é abordada pelo autor, não apenas como resultado das localizações, mas como possibilidades de movimento. Se a propagação do uso do automóvel reverteu os usos de solo urbanos, redefinindo as escalas do espaço urbano, a questão que se coloca é a de reencontro de um sentido para o conjunto da cidade, sem pensar que a solução para tal seja a proibição desse uso. Em outras palavras, as possibilidades de deslocamento encontram-se a meio caminho entre os interesses da circulação por veículos e aqueles dos pedestres, se queremos assegurar o adensamento do centro, a reprodução da centralidade como forma de integração da periferia e de constituição de um conjunto urbano, como função e como representação de cidadania.

Em sua proposição de retorno ao centro, na discussão desenvolvida na segunda parte do livro, o autor considerou duas condições (p.69) para que essa área possa ser, de fato, ponto de referência apreensível e lísivel por todos, quais sejam, que eles se constituam à imagem da realidade urbana que procuram representar e expressar (o que significa compreender sua periferia) e que sejam pontos capazes de produzir reflexos sobre toda a aglomeração.

Consideradas essas condições, são colocadas em debate diversas questões como a retomada do papel residencial dos centros urbanos, a necessidade de discutir seus níveis de segregação e de propor uma distribuição mais equilibrada entre suas diferentes atividades, de sorte a torná-los atraentes e representativos para diferentes segmentos sociais, idades e etnias.

A vontade política de transformar os centros impõe-se como condição para a definição de um grande movimento de centralização, que pode ser definido pelos papéis culturais do centro principal, de forma a constituí-lo como um território comum, mesmo se considerando a diversidade sócio-econômica de cada conjunto urbano e o direito à diferença.

Ainda que se considere a importância da retomada da função residencial dos centros urbanos e a necessidade de desenvolvimento de seu papel cultural, as atividades comerciais e de serviços, historicamente, definindo e definidas pela centralidade, devem ser repensadas, sob novas formas, de maneira a atender as mudanças estruturais da sociedade e, assim, contribuir

para uma dinamização funcional e para uma representação social positiva do centro principal.

No caminho dialético entre reflexão, observação das experiências vividas e cotejamento dessas experiências com as perspectivas de seus moradores, contextualizadas também pelas imposições das rápidas transformações contemporâneas, o autor debate e propõe, no decorrer do livro, princípios e práticas, mais do que projetos, que possam revigorar os centros urbanos e multiplicar a centralidade no interior das cidades. Contudo, é, sobretudo, na terceira parte, ao discutir por que 'brilha' o centro, que se desenha, de forma mais clara, os caminhos possíveis para que o centro de fato possa se constituir não apenas o coração das cidades, mas a expressão de uma dada urbanidade. Sob essa perspectiva recoloca-se a possibilidade do estar, do encontrar, do integrar, do viver em conjunto, em contraposição à crise da cidade, manifestação da fragmentação social e espacial, instaurada pela sociedade de consumo.

A recuperação da história deve, assim, ser compreendida como instrumento de construção da memória, como meio através do qual se estabelece o sentimento de se pertencer a um dado espaço, como caminho para a produção de signos e imagens para uma identidade urbana comum entre os cidadãos, respeitando-se o direito à diferença, mas garantindo-se a possibilidade do convívio.

A valorização da história, sob essa perspectiva, deve se constituir não apenas como preservação arquitetônica, mas também como recuperação dos sentidos urbanos e revitalização funcional que permita a apreensão das práticas e dos valores que marcam o cotidiano urbano contemporâneo. Para o autor, entre o passado e o presente, é fundamental a reconquista do espaço dos centros urbanos e a reconstrução dos parâmetros a partir dos quais se define a centralidade urbana como forma de assunção de nossa modernidade.

Em que pese o fato desse texto ter sido produzido com base na experiência das grandes cidades francesas, a reflexão apresentada contribui, a meu ver, para a discussão dessa problemática na realidade brasileira. A generalização de formas de produção do espaço urbano e a acentuação da tendência à transformação desse espaço em meio, no qual se veiculam, através de linguagens verbais ou não verbais, os signos da sociedade de consumo, estabelecem identidades entre as dinâmicas observadas

